Ligeiras notas sôbre João da Costa Alecrim

Antônio MARTINS FILHO

Nas minhas investigações sôbre fatos da história do Ceará, notadamente os desenrolados no turbulento período que vai de 1821 a 1830, poucas referências tenho encontrado sôbre o tenente coronel João da Costa Alecrim.

Elucidei, todavia, que êsse valoroso soldado da causa da independência não era cearense, segundo se deduz das afirmações de Abdias Neves, em "Guerra do Fidié".

Com efeito, é fora de dúvida que Alecrim nascera em Pedras de Fogo, da então Capitania de Pernambuco. Dali transportara-se para o Ceará, no ano de 1808, em companhia do seu tio, o Pe. Manuel Pacheco Pimentel, vigário da Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Côcos.

Fixando residência na Vila Nova d'El Rei, hoje Guaraciaba, João da Costa Alecrim foi grangeando incontestável prestígio, principalmente a partir de 1821. Daí em diante o seu nome passou a projetar-se, com evidência, no cenário político da tumultuária província do Ceará.

* * *

Proclamado o Govêrno Temporário do Icó, a 16 de outubro de 1822, de logo o movimento passou a alastrar-se por tôda a província, vitoriosamente triunfante.

É de notar que mesmo antes de ser consolidada a causa dos brasileiros no Ceará, já os nossos chefes revolucionários tiveram que atender aos ingentes e constantes apelos procedentes dos seus correligionários da província de São João do Piauí, que então sofria a ação opressora do bravo João José da Cunha Fidié, famigerado Governador das Armas portuguêsas.

Na verdade, êsse brioso soldado lusitano, sôbre ser portador de brilhante fé de ofício, trouxera recomendações

peremptórias do próprio Snr. D. João VI, para sustentar alí a causa da metrópole, a ferro e a fogo.

Em conseqüência disso, Fidié se dispôs a abafar o surto de insubmissão irrompido em Parnaíba, onde havia sido proclamada a independência, a 19 de outubro de 1822, sob a chefia dos denodados brasileiros cel. Simplício Dias da Silva e dr. João Cândido de Deus e Silva.

Depois de uma jornada fatigante e penosíssima, Fidié fizera a sua entrada triunfal na vila da Parnaíba, sem a detonação de um tiro sequer.

O Governador das Armas, porém, não reunia as qualidades de um militar de larga visão. Contrastavam com a sua bravura e fidelidade os movimentos tardos que lhe neutralizaram a ação.

Graças a essa lentidão de atitudes conseguiram as tropas revolucionárias do Ceará invadir várias localidades do Piauí, disseminando o ódio contra Portugal, despertando energias adormecidas e conclamando os pacatos piauienses ao duro cumprimento do dever.

A atuação de Alecrim, nessa fase agitada da campanha, foi deveras admirável.

Aliado ao coronel Luiz Rodrigues Chaves, Salvador Cardoso de Oliveira e outros, João da Costa Alecrim não tergiversou diante da necessidade de cortar os passos do Governador Fidié, quando êste resolveu marchar em direção de Oeiras, capital da província, que já havia aderido à causa brasileira, na madrugada de 24 de janeiro de 1823.

Às margens do rio Genipapo, onde se travara, a 13 de março de 1823, a mais sangrenta e decisiva batalha de quantas se realizaram na campanha pela independência nas provincias do Ceará, Piauí e Maranhão — a bravura do capitão Alecrim fôra demonstrada de maneira invulgar e insuperável.

Daí em diante o seu nome passou a constituir uma verdadeira expressão de valor, assegurando as possibilidades do êxito da causa por que se batiam os brasileiros.

Alecrim, porém, era de uma impulsividade inaudita. Não compreendia meios termos, nem procurava atender a circunstâncias especialíssimas provocadas pela guerra. Ardoroso e valente, jamais se conformara com as determinações ponderadas, e às vezes prejudiciais, dos chefes separatistas do Piauí. Com êstes viveu em constantes atritos, chegando mesmo a ser demitido do comando das tropas que lhe foram confiadas.

O historiador Abdias Neves, no seu citado livro "Guer-

ra do Fidié", faz-lhe reiterados ataques, julgando-o, em certos pontos, com uma severidade imperdoável.

Com a chegada, porém, da Tropa Expedicionária do Ceará, sob o comando de José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar, voltara Alecrim a integrar as tropas libertadoras, comandando uma das divisões em operação.

Escolhido sempre para os empreendimentos mais arriscados, o seu nome se tornara quase lendário, pela bravura e destemor com que sabia enfrentar as hostes inimigas.

Concluída a capitulação de Caxias, a 1°. de agosto de 1823, o capitão João da Costa Alecrim foi de logo designado para ocupar o quartel do morro das Tabocas, onde Fidié fizera o seu reduto e do qual saíra sob o pêso de uma derrota inevitável e definitiva.

Hoje o morro das Tabocas é denominado morro do Alecrim, e numa das praças da histórica cidade de Caxias — teatro final da campanha — um marco comemorativo se acha erigido, no qual se lê esta inscrição:

«A' memoria de João da Costa Alecrim
e seus denodados companheiros
na lucta pela Independencia».

* * *

Dissolvida a Junta Expedicionária do Ceará e Piauí ao Maranhão, a 24 de outubro de 1823, João da Costa Alecrim retornara ao Ceará, à maneira dos demais companheiros de jornada.

Não quis, porém, levar uma vida inativa e reclusa, engalanada pelos louros conquistados na memorável campanha. Foi inevitàvelmente arrastado para o torvelinho das agitações políticas, a que tão bem se coadunava o seu temperamento combativo.

Proclamada a República do Equador no Ceará, por ato do Grande Conselho realizado em Fortaleza, a 26 de agosto de 1824, novamente João da Costa Alecrim passa a figurar ao lado dos próceres do ousado movimento de tão funestas conseqüências.

O seu nome foi então eleito para deputado, juntamente com os de outros que deveriam "compor o govêrno salvador", a ser constituído em Pernambuco.

Com o malôgro do tresloucado sistema republicano,

Alecrim teve que sofrer as conseqüências resultantes de sua coparticipação.

Não fugiu, porém, às responsabilidades assumidas, nem procurou se escusar pela porta falsa da covardia. Pelo contrário, o destemido brasileiro figura, em primeiro lugar, na relação dos que deviam ser presos como implicados no movimento de 1824, relação esta firmada pelo presidente José Felix de Azevedo e Sá, seu antigo companheiro, que se abandara para o lado mais forte.

Alecrim não chegou a ser julgado pelo Comissão Militar, tendo assim escapado a uma inevitável condenação.

A sua vida, portanto, foi tôda cheia de lutas e agitações.

O Senador Alencar o considera um dos "homens principais da província", em discurso proferido no Senado, a 19 de fevereiro de 1850, onde alude aos crimes cometidos pelos célebres Mourões, de quem Alecrim e o seu tio, o Pe. Pimentel, sofreram atrozes perseguições, ao ponto de se refugiarem em Pernambuco.

Não sei se Alecrim alí permaneceu. Sei, entretanto, por informações do jornalista Afonso Cunha, que o bravo separatista, retornando ao Maranhão, veio a falecer em Caxias, por voltas de 1847, deixando a sua família em completa pobreza, conforme consta do respectivo inventário que o distinto intelectual maranhense diz ter folheado, documento, aliás, que foi por mim procurado durante três dias consecutivos, no arquivo do tabelião Sinésio Tôrres.

Lamentei sobremodo terem resultado improfícuas as as minhas pesquizas, pois que muitos dados interessantes seriam alí coligidos sôbre o destemido brasileiro.

De qualquer forma, porém, a personalidade de João da Costa Alecrim precisa de um biógrafo, como vulto, que foi, e de maior grandeza, nas lutas pela independência nacional.